

Larissa Fernandez de Andrade Santos¹

Pour une moral de l'ambiguité é um ensaio da filósofa Simone de Beauvoir. Publicado originalmente em 1947, é a segunda grande obra de não-ficção de Simone de Beauvoir. Seu foco teórico são as questões morais e, em particular, ações morais de uma filosofia existencialista. As partes foram publicadas separadamente pela primeira vez na *Les Temps Modernes*, revista na qual ela atuava, antes de serem publicadas como livro em 1947. Logo nas primeiras páginas de *Por uma moral da ambiguidade*, a autora resume a questão central do que vai tratar: "uma moral que se recusará a negar a priori que existentes separados possam ao mesmo tempo estar ligados entre si e que suas liberdades singulares possam forjar leis válidas para todos". (BEAUVOIR, 2005, p. 21). A filósofa afirma a existência da condição de criação de um discurso ético a partir da própria estrutura existencial humana, chamada por ela de *condições autênticas*. Isso se explica pelo fato de que, diferente dos outros seres, o homem é o único que avalia a sua própria condição e, ao fazê-lo, se depara com a ambiguidade que o constitui. A esse respeito a autora nos traz que:

Uma vez que não logramos escapar à verdade, tentemos, pois, olhá-la de frente. Tentemos assumir nossa fundamental ambiguidade. É do conhecimento das condições autênticas de nossa vida que é preciso tirar a força de viver e razões para agir (BEAUVOIR, 2005, p. 15).

Beauvoir expõe diretamente o problema da ambiguidade da condição humana, a partir de seu histórico na Filosofia, criticando filósofos anteriores que a todo custo tentaram mascarar ou até mesmo suprimir a ambiguidade da condição humana. Focando-se apenas na escolha entre, interioridade ou exterioridade, espírito ou matéria, os filósofos se dividem,

¹ Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia. Graduada em Comunicação Social pela Universidade Católica do Salvador e Graduada em Filosofia pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: larissa_fas@yahoo.com.br

seja ignorando a matéria, seja assimilando-a ao espírito; seja hierarquizando o corpo ao trazer a matéria como inferior ao espírito. Segundo a autora, somente Hegel resolveu não escolher apenas um dos aspectos da condição humana, mas conciliá-los, abarcando essa ambiguidade. O existencialismo incorpora um ponto fundamental da filosofia hegeliana: o entendimento de que o surgimento da consciência moral está vinculado ao surgimento de uma desarmonia entre a natureza e a moralidade. Para a filósofa, o fracasso seria uma forma dessa desarmonia, e ele pode ser ou não superado pelo sujeito. Concordando com Sartre, no *O ser e o nada*, e sua concepção do fracasso como definitivo, porém ambíguo, Beauvoir também inclui a tradição das morais otimistas que pregam "sem fracasso não há moral". (Ibidem, p. 16).

As paixões que impelem o homem ao agir não lhes são infligidas de fora, são parte do próprio ser e são escolhidas pelo sujeito, e por isso não implicam uma ideia de infelicidade. Mesmo não sendo necessariamente úteis, as paixões podem justificar-se em si mesmas. Para que o sujeito atinja sua verdade, precisa aceitar e realizar sua própria ambiguidade, passando assim a existir autenticamente, sem negar a espontaneidade da sua transcendência, mas atento para não perder-se nela.

Tomando Hegel, onde o positivo se reestabelece através da negação da negação, traz a filósofa "o homem se faz falta, mas pode negar a falta como falta e se afirmar como existência positiva. Então ele assume o fracasso." (Ibidem p. 18). O sujeito é tomado como uma "paixão inútil", já que nada existe fora dele que o justifique. Em sua existência, o sujeito deve assumir seu fracasso e aceitar a tensão intrínseca à sua condição, passando por uma forma de conversão existencial na filosofia hegeliana, que considera que os obstáculos superados são conservados como simples abstrações. A filosofia da existência não suprime os instintos, as paixões, os desejos e os projetos do sujeito, ela busca prevenir qualquer possibilidade de fracasso, recusando-se a entender como absoluto qualquer fim ao qual se lance a transcendência do ser, mas ao contrário, considera-os em sua ligação com a liberdade que os projeta.

O sujeito que existe autenticamente se recusa a reconhecer um absoluto e seus pretensos valores ilimitados estranhos a ele, que tentam impor-se à sua existência, anulando sua liberdade. Suas ações são engajamentos definitivos e não pura contingência, já que o homem autêntico "carrega a responsabilidade de um mundo que não é a obra de uma potência estrangeira, mas dele mesmo, e no qual se inscrevem tanto suas derrotas como suas vitórias." (Ibidem, p. 20)

A partir de críticas feitas ao existencialismo no sentido da ausência de um conteúdo objetivo para o ato moral, Beauvoir responde que a tradição kantiana e hegeliana foi retomada na filosofia da existência, por considerar o sujeito como fato universal e que a essência do direito e do dever é idêntica a essência do homem que pensa e que deseja. A perspectiva do humanismo aparece no sentido do mundo moral ser o mundo conhecido e desejado pelo próprio sujeito, sua própria vontade expressa pela sua realidade autêntica. A base dos valores existencialistas é a pluralidade dos sujeitos concretos e suas particularidades, existindo de forma conjunta. Pela necessidade de mediação dessas relações, a partir do momento que existem tensões entre elas, surge, existencialmente uma moral da ambiguidade.

Trazendo Marx, Beauvoir afirma que a noção de situação e o reconhecimento das separações que ocasionam não são exclusividade da filosofia da existência; visto que o marxismo trata-se de um humanismo radical, uma apoteose da subjetividade. "Para que surja o universo dos valores revolucionários, é preciso que um movimento subjetivo os crie na revolta e na esperança." (Ibidem, p.22) e são as vontades individuais dos homens que decidem e suas necessidades que guiam as ações rumo às situações pretendidas coletivamente. Na recusa de determinadas situações, através da revolta de classes, surgem as metas e o horizonte de onde pode nascer um novo Estado.

Beauvoir traz então o principal ponto de discordância entre o existencialismo e o materialismo dialético marxista: "pensamos que o sentido da situação não se impõe à consciência de um sujeito passivo, que ele só surge pelo desvelamento operado por um sujeito livre em seu projeto." (Ibidem, p.23). E, ao tratar o proletariado como uma

coletividade, indicando-o com bom ou mau a partir do engajamento individual, subjugando-se o desejo de um homem real, transformando o proletário de carne e osso em uma ideia do proletariado, algo presente no marxismo, porém inadmissível para o próprio Marx. Porém é importante assinalar que na prática, o marxismo nem sempre nega a liberdade, visto que o revolucionário que prega a ação é ao mesmo tempo um agente que se coloca como livre diante dessa ação. Em relação à censura aos seus adversários, os marxistas seguem por um caminho de condenação não somente em nome do realismo histórico, mas também em nome de uma suposta moral superior à história, e da mesma forma exaltam virtudes eternas aos que exercem papéis efetivos na sua coletividade. O determinismo marxista ignora a necessidade de que o homem tenha consciência da liberdade dos outros e da sua própria: "admitir a possibilidade ontológica de uma escolha já é trair a Causa" (Ibidem, p. 24). Rejeita-se a percepção de que o momento da escolha de um sujeito é o mesmo da realização concreta do homem e da moralidade.

Beauvoir questiona se a liberdade seria uma imposição de ter que escolher e desejar, e se seríamos proibidos de nada querer. Na visão existencialista, não escolher já é uma escolha e somente através da liberdade surge um princípio de ação cujo alcance será universal, considerando sempre a vida humana como ponto de partida. Trazendo a ambiguidade do desígnio original do sujeito que quer ser, mas cujo querer sempre se atualiza após o alcance ou não do desejo anterior, e do homem que também se quer desvelamento de ser, causando uma tensão permanente para manter o ser à distância, retirando-se do mundo e afirmando-se como liberdade, tudo em um único movimento contínuo.

O sujeito livre é aquele que cria seu próprio destino, assumindo a responsabilidade pelas consequências de suas escolhas, visto que nenhuma ação exterior o determina a fazer algo, porém não se trata de qualquer tipo de liberdade. A liberdade surge como ponto de partida para se alcançar os valores, pois somente ela é capaz de reger a vida humana. A liberdade reside no terreno concreto das situações humanas, e não em um plano metafísico. Ela não é algo que possa ser conquistado pelo sujeito, e sim uma característica que se confunde com seu próprio modo de ser e que é inseparável da sua subjetividade.

O projeto do sujeito pode ser sempre atualizado, não sendo fixo e imutável, manifestando assim a humanidade do sujeito e a sua liberdade criadora. O ser não tem o poder de criar o mundo, mas sim desvelá-lo, e esse desvelamento pode vir acompanhado de obstáculos, desordens e confrontos, justifica a autora, através de Descartes, que “a liberdade do homem é infinita, mas seu poder, limitado” (DESCARTES apud BEAUVOIR, 2005, p. 29).

Para que a liberdade não morra contra algum desses obstáculos contingentes frutos do próprio engajamento do sujeito no mundo, ele não deve almejar um fim que não seja o livre movimento da sua própria existência. Apesar dos contratempos e fracassos, a liberdade será garantida se o sujeito manter o comando de seu futuro, se abrindo a novas possibilidades, desejos e escolhas.

Partindo da ideia de que é atribuída ao sujeito a capacidade de escolher e de reconhecer, ou não, sua incompletude, Beauvoir que há os que assumem e decidem agir de modo autêntico e os que optam por esconder sua condição de si mesmo, agindo de má-fé. Esses não aceitam a sua ambiguidade intrínseca e buscam enquadrar-se a modelos existentes na realidade, que ela chama de “espírito de seriedade”. Ao nascer, o sujeito é lançado em um mundo que já está dado, com seus valores bem definidos sobre o que é bom ou mau, sobre o significado das coisas, cabendo a ele apenas aceitar. Esse sujeito passa a controlar e esconder os seus reais desejos e objetivos, para não ser punido. A autora inicia a segunda parte do seu texto exemplificando esse espírito de seriedade em uma criança, que “se encontra lançada num universo que ela não contribui para constituir, que foi moldado sem ela e que lhe aparece como um absoluto ao qual só pode submeter-se.” (Ibidem, p. 35)

Notemos que a criança que aceita o espírito da seriedade é diferente do homem inautêntico: ela tem o privilégio de não sentir moralmente a angústia da liberdade. A seriedade é imposta à criança, já o adulto escolhe ou consente a situação. O espírito de seriedade está presente nos sujeitos que não assumem a ambiguidade de seu ser e mergulham em um universo de má-fé, se auto enganando na tentativa de evitar a angústia que acompanha a percepção de que sua existência não tem coerência, exceto pelo sentido que ele mesmo cria. Ao tornar-se adolescente, o sujeito em algum momento passa a engajar-

se no mundo através das suas escolhas, chamadas por Beauvoir de “escolha original”. Ele pode escolher entre viver inautenticamente como até então ou seguir em busca de autenticidade. A descoberta das responsabilidades que a liberdade traz consigo faz com que o sujeito busque fugas frente à angústia gerada pelo encontro com a liberdade.

Para o entendimento dessa tensão entre autenticidade e inautenticidade, a autora faz uma tipologia do comportamento humano, com cinco tipos de comportamento básico, modos de agir do sujeito para tentar fugir da liberdade. As descrições dos tipos, segundo a própria autora, são influenciadas pelas de Hegel, e as atitudes por ela examinadas explicam-se por condições objetivas, porém a autora limita-se a destacar suas significações morais, por ser inviável definir uma moral fora de um contexto social.

O primeiro tipo é o sub-homem, o sujeito apático que não toma as decisões em sua vida, tornando-se massa de manobra da sociedade. Para a filósofa, é o que ocuparia o lugar mais baixo da escala, pois não se interessa em legitimar o seu projeto e em fazer uma “escolha original” que dê sentido à sua existência, e inautenticamente resigna-se diante das situações a que está submetido. É bom lembrar que mesmo que não assuma a sua liberdade, isso ainda consiste em uma escolha. Esses sujeitos são a massa de manobra utilizada pelos movimentos com algum grau de fanatismo, participando de batalhas e conflitos inconscientemente, apenas por serem induzidos por outros que os convencem a lutar por suas causas. O sub-homem esquece da consciência de si, e vive como os fatos brutos da natureza que são o que são.

O segundo tipo, o homem sério, não reflete sobre suas escolhas, ele elege um ídolo para manter o controle de sua vida. Ele pautará sua existência em valores absolutos incondicionados, como o faz o sub-homem, mas nutrindo uma espécie de dependência em relação ao seu ídolo sem jamais questioná-lo. Sempre em busca de uma vida estável, vive os projetos dos outros, renegando a sua autenticidade e subjetividade. Ao valorizar mais o ídolo ou causa, do que a si mesmo ou os outros, ele torna-se combativo e pode vir a destruir a vida e o projeto de outras pessoas para satisfazer o seu ídolo, podendo agir com fanatismo ou até violência.

O niilista, terceiro tipo trazido por Beauvoir, é o sujeito que se lançou no mundo, tentou dar significado à sua existência e ao fracassar, reconheceu a sua incapacidade de fazer algo. Ao se decepcionar com esse mundo diferente do que idealizou, o sujeito reconhece que não pode harmonizar com o mundo real, e passa a aceitar essa situação. Ao fracassar em sua tentativa de compatibilizar com algo, o sujeito niilista escolhe deliberadamente não ser nada. Para a autora, o niilismo é uma postura prejudicial que crê que suas atitudes não contribuem em nada para a humanidade e considera sua própria existência irrelevante. O niilista reconhece sua incompletude, e ao descobrir que fora de si não existe sentido no mundo, ele desiste da busca e se dá por vencido

Quando o homem passa a buscar uma desculpa para agir ou deixar de agir, ele se esconde na inautenticidade e pode ser considerado apenas um "aventureiro". Esse quarto tipo trazido por Beauvoir, o aventureiro, possui um objetivo a cumprir, porém não se importa com as consequências das suas ações e não o respeita o outro, pois não possui escrúpulos. Ele age pela mera conquista e não com o objeto desta. Para a autora há uma ressalva, pois quando o sujeito aventureiro respeita e colabora com o outro, sua atitude é similar a uma autenticamente moral. O aventureiro possui uma meta a ser alcançada, e não se importa com os meios que ele utilizará para isso, ele nutre certo desprezo pelos outros, e tende a usá-los como meios para a realização dos seus fins, podendo até eliminar os que tentarem impedir seu objetivo. O homem aventureiro não reconhece a importância do outro, podendo subjugar-lo para atingir seus objetivos.

O quinto tipo de comportamento do sujeito inautêntico, o homem apaixonado, não busca nenhuma comunicação com o outro, pois se fecha em sua própria individualidade, onde somente ele e seu objeto da paixão são reais. Para a autora, existe somente uma saída para o apaixonado, seria relacionar-se com o outro sem objetificá-lo, percebendo que ele não é somente um meio até a sua própria satisfação.

A originalidade do homem advém da sua condição existencial, marcada por desafios, obstáculos e fracassos, mas também por conquistas. A incompletude caracteriza o ser e essa falta o leva a uma busca incessante de significação para sua vida e suas ações. Movido por

essa falta, o sujeito pode percorrer caminhos, ter desejos, escolher entre valores e finalmente decidir com sua própria contingência. Para a filósofa, o homem autêntico realiza sua liberdade de forma plena, sempre atento e consciente de suas escolhas e possíveis consequências, buscando agir de forma responsável consigo mesmo, já que o mundo no qual o sujeito se lança é também o mundo habitado por outros, e afirmando sua liberdade, o sujeito não pode entrar em confronto com a liberdade do próximo.

O sujeito beauvoiriano é um ser situado, cuja condição de existir autenticamente encontra-se na ação de desvelar o mundo, na intenção de converter, ao invés de negar, a sua negatividade. No processo de desvelamento, o sujeito elabora novos significados em um mundo com significados e sentidos já formados. O mundo assim como o sujeito, envolve o que é existente, que por sua vez, envolve e é envolvido; sendo ambos, mundo e ser, uma "totalidade-destotalizada" (Ibidem, p. 100). Embora o mundo seja o mesmo para todos, o modo como cada sujeito se relaciona com ele é único, constituindo uma trama de experiências singulares que se envolvem mas permanecem separadas. O sujeito está no mundo situado no tempo, no espaço e na história, sendo lançado nele em situação e o experienciando através do espaço. Nem todo sujeito busca reconhecer a sua própria condição de existir no mundo, existem os que pretendem se relacionar somente pela via contemplativa, negligenciando que é também corpo, não assumindo a sua ambiguidade inerente, e sim uma atitude estética.

Segundo Beauvoir, o sujeito que adota a atitude estética "pretende não ter com o mundo nenhuma outra relação que não a de uma contemplação desinteressada; fora do tempo, longe dos homens, ele se põe diante da história, à qual não acredita pertencer, como um puro olhar". (Ibidem, p. 65). Esse sujeito busca superar a sua condição de ser ambiguidade, ao se colocar fora do tempo ou "diante da história", negando-se enquanto um ser que é simultaneamente, facticidade e liberdade.

A autora afirma o presente como a existência concreta a ser vivida e não somente projetada, "o presente não é um passado em potência; ele é o momento da escolha e da ação, não podemos evitar vivê-lo através de um projeto, e não há projeto que seja puramente

contemplativo" (Ibidem, p. 66). A postura contemplativa é sempre considerada superior por quem a escolhe, porém, segundo a filósofa, ela não é apenas inautêntica e imoral, por não buscar realizar a conversão de si no mundo, mas também perigosa já que sua "visão impessoal iguala todas as situações" (Ibidem, p. 65), a total indiferença tomando o sujeito.

Respondendo críticas a respeito do existencialismo "querer a liberdade" tratar-se de algo esvaziado de sentido, sem conteúdos concretos para o sujeito agir, Beauvoir enfatiza que liberdade é engajar-se no mundo através de ações e condutas, tendo um sentido concreto, visto que ela "só se realiza engajando-se no mundo: de tal maneira que seu projeto rumo à liberdade se encarna para o homem em condutas definidas." (Ibidem, p. 68). Ao querer desvelar o ser, o sujeito também escolhe a liberdade, numa construção positiva mútua e permanente.

Para Beauvoir, os obstáculos não devem fazer o sujeito desistir, pois eles mesmos representam um modo de desvelamento do mundo. O sujeito não pode abdicar de si mesmo, nem mesmo sua morte é um mal, já que a mortalidade é própria do homem. Somente o homem pode ser inimigo para o homem, seja ele próprio ao escolher, negando ou aceitando, sejam outros homens, que reduzem o sujeito à coisa, afastando-o do seu futuro projetado. Segundo Beauvoir (Ibidem, p. 71), a existência humana busca se perpetuar e se superar constantemente, de acordo com seus próprios limites e nunca aceitando os limites dados por outros. Mas a opressão, que é aplicada por homens para outros homens, gera nos oprimidos uma solução para escapar: negar essa harmonia que os exclui, e revoltar-se contra os tiranos. Para evitar a revoltados oprimidos, os opressores tentarão camuflá-la de algo natural. Mas os revolucionários sabem que a opressão advém das convenções sociais, não sendo naturais, e sim um fato humano e por isso mesmo deve ser recusado. Essa recusa muda o futuro pretendido pelo tirano, através da revolução concreta, não de palavras nem de ideologias, mas de luta, onde o oprimido se realiza como liberdade positiva e aberta, e o opressor se torna um mero obstáculo, uma coisa, nesta liberdade do sujeito revolucionário.

Existem duas maneiras de superar o obstáculo dado: aceitar ou recusar. A filósofa afirma que Hegel confundiu esses dois movimentos de superação gerando um otimismo que

nega o fracasso e a morte, olhando sempre o futuro e o mundo como harmonioso, um idealismo que Marx por sua vez, opõe com uma dureza realista. Como afirma Beauvoir “Contudo, a causa da liberdade não é mais de outrem do que minha: ela é universalmente humana.” (Ibidem, p. 73), se abster é participar da opressão, e ao abrir as possibilidades de um escravo liberto, o sujeito expande suas possibilidades, visto que todos estão conectados: “querer a existência, querer desvelar o mundo, querer os homens livres é uma única vontade.” (Ibidem, p. 73).

A causa da liberdade é humana, o sujeito nega a opressão, surgindo o movimento para a libertação. É também a causa de cada sujeito, porém a urgência da libertação não é a mesma para todos; somente o oprimido a vê como urgente. A revolta do oprimido é uma exigência moral para realizar-se como sujeito, lutando contra a situação que interdita seu desenvolvimento positivo, pois “apenas na luta social e política que sua transcendência se supera ao infinito.” (Ibidem p. 74). É importante destacar que a opressão tem mais de uma face e é necessário fazer com que todas elas sejam abolidas. Isso conduz a uma questão política e moral sobre essa interseccionalidade, e sobre qual inimigo a combater. Os caminhos sugeridos pela autora são: a luta individual engajada com outras lutas e decidir o que é mais urgente no contexto e no momento da escolha. Porém é importante frisar que o combatente não deve ficar cego pela meta que se propôs, a ponto de se transformar em um fanático.

Liberdade e existência são um movimentar-se que surge no e com o sujeito, mas que vai além deste, quando em frente ao outro. E no surgimento do sujeito no mundo com suas escolhas autênticas e perante o outro, encontraremos sua realização. A moral da ambiguidade é individualismo na medida em que se funda no ser humano através de sua historicidade, do seu estar no mundo e porque é finita como a existência que é o que impulsiona o viver humano. E viver submetido a uma pretensa moral universal é esquecer-se que vivemos nos relacionando, e que, isso significa viver entre outras subjetividades que estão vivas e que não são abstratas. A moral da ambiguidade não se trata de uma evasão em relação à vida mas o oposto: "na verdade da vida que sua moral se experimenta e ela aparece

então como a única proposição de salvação que se possa dirigir aos homens." (p.127). Somos livres na escolha de nossa existência finita mas que abre-se às escolhas infinitas.

É através da situação que a liberdade ontológica humana ganha sua forma concreta, abrindo-se à existência, engajando-se nela e com outros, pois querer-se livre é querer possibilidades concretas na sua existência simultaneamente às existências dos demais. Para a moral da ambiguidade, "querer-se moral e querer-se livre é uma só e mesma decisão" (Ibidem, p. 26). Uma só situação, composta da mediação ambígua do movimento livre do sujeito no existir social, à luz do desvelamento do ser, permitindo que cada um assuma autêntica e eticamente sua existência por conta própria e através dos outros, querendo existir livre e eticamente, estando positivamente nesse movimento ambíguo de retomada e recriação do estar concreto numa situação.